

A TUA PRESENÇA É NEGRA! IMAGEM E REPRESENTAÇÃO NEGRA FEMININA, ENCONTROS E ACONTECIMENTOS

YOUR PRESENCE IS BLACK! BLACK FEMALE IMAGE AND REPRESENTATION, ENCOUNTERS AND EVENTS

Andréa Maria do Nascimento Silva¹

Resumo:

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a presença de mulheres negras a partir da sua imagem. Nos espaços que ocupam e as marcas da diferença que ainda carregam. Diante disso e ainda sendo alvo de ataques racistas e suas intersecções, mulheres negras humanamente resistem, existem e enfrentam, estando presente em lugares anteriormente negado aos nossos ancestrais. A construção desta imagem deturpada e os estigmas coloniais da diferença algo ainda impresso na nossa pele, confere a esta mulher negra a imagem da mucama, da mulata, do corpo preto que tudo suporta. A partir desta reflexão precisamos compreender que a presença negra feminina, para além destas marcas e categorizações, tem de ser naturalizada a partir das nossas próprias representações. Desconstruindo ideias pré-concebidas que nos colocam no lugar da subalternidade. A ruptura com essa determinação é fundamental, para que possamos protagonizar nossas histórias, nosso corpo negro emancipado, não mais em um contexto limitador, mas em potência e vibração da vida em si, a existência negra em toda sua plenitude.

Palavras-chave: Mulher negra, representação, imagem, racismo.

Abstract:

This article proposes a reflection on the presence of black women based on their image. In the spaces they occupy and the marks of difference they still carry. Faced with this and still being the target of racist attacks and their intersections, black women humanely resist, exist and face, being present in places previously denied to our ancestors. The construction of this distorted image and the colonial stigmas of difference, something still imprinted on our skin, gives this black woman the image of the woman slave *mucama*, *mulata*, the black body that supports everything. From this reflection, we need to understand that the black female presence, beyond these marks and categorizations, must be naturalized from our own representations. Deconstructing preconceived ideas that put us in the place of subalternity. The rupture with this determination is fundamental, so that we can carry out our stories, our emancipated black body, no longer in a limiting context, but in the power and vibration of life itself, black existence in all its fullness.

Keywords: Black woman, representation, image, racism.



¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGF/ IFCS/ UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8574-787X>

A gira²

Me dê licença, moça! Pois preciso falar em primeira pessoa da concepção emancipatória, que me tira da condição da margem, da exclusão, da invisibilização e do saber sem fundamento. Me chamo mulher e minha pele é preta, imprimiram no meu corpo o estigma da inferiorização e de uma existência sem importância. Por isso tenho que marcar minha presença como acontecimento neste mundo falando por mim e não sendo falada por ele. Tenho que afirmar e reafirmar que esta estrutura de poder que se estabeleceu, este sistema que domina não me diz quem eu sou, porque para ele eu existo como objeto, sou fragmento de acordo com aquilo que eles querem usar mim. Me colocam no mundo sob o prefixo "sub"; sub-humana, subalterna, mas escolhi ser subversiva por resistência e pela afronta! Como me entendo inteira, me dedico a subverter esta ordem e me afirmar como sou. Sou corpo expansivo e o poder de expressão da minha gira vai muito além das vagas categorizações de caráter colonialista. Eu sou o que sou e isso basta! Me reconstituí, encontrei a minha voz e abracei a minha liberdade no meu coletivo. Minha proposição é: meu mundo, junto com os meus, acontece na gira e no giro do movimento ao redor da minha saia!

À todas as nós, Marias, Molambos, Padilhas, Mugês, Eugênicas, Mahins, Marielles, Malês³.

Laroyê! Mojubá!⁴ (NASCIMENTO SILVA, 2021, p. 105)

Certa vez ouvi a pergunta: O que você deseja a um racista? A resposta foi rápida: Desejo a ele um dia como mulher e negra! Ao refletir sobre este diálogo, prontamente, foi possível identificar o peso destas palavras e o quanto de discriminação e inferiorização elas carregam consigo. O estigma da diferença, a imagem deturpada refletida no espelho de um mundo que não nos reconhece como iguais.

O fato é que a mulher negra nunca passa, sem profundos arranhões, pelas intersecções de opressões que as atravessam. Gênero, raça, classe, entre outras variações de agressividade semelhante (CRENSHAW, 1995). Como resistir, enfrentar esta condição?

Vivemos em um sistema, onde sua estrutura é de origem colonialista, racializada, patriarcal, nas suas instituições. Onde a lógica do privilégio do colonizador é a submissão dos corpos racializados. Esta é estrutura social e institucional que se apresenta, que ao contrário do que prometem, legitimam as opressões e a exclusão social.

Para a existência negra feminina, alguns questionamentos são fundamentais para compreender o que de fato este sistema oferece e onde elas se localizam neste contexto. Existe justiça, efetivamente, para a mulher negra, para o negro, para o pobre? Qual é a face do maior percentual de mulheres que sofrem com a violência doméstica? E quanto as vítimas do feminicídio, é possível identificar um recorte

² Do quimbundo, *nijra*, que significa caminho.

³ Referência da representação feminina negra, inspirado no samba-enredo do GRES Estação Primeira de Mangueira, enredo "Histórias Para Ninar Gente Grande", Carnaval de 2019.

⁴ Te saúdo grande mensageiro! Meus respeitos!

racial em sua maioria? Qual a cor da pele das mães que choram por seus filhos assassinados? Podemos afirmar que existe descaso com a saúde da mulher negra? E quanto a violência obstétrica, verdade ou mito? Questões essenciais que podem evidenciar o lugar de onde falamos, os espaços que ocupamos e como persistimos, enfrentamos a dor, a violência, a ausência, a invisibilização. Questões que chocam pela verdade da sua própria retórica. (SHAKUR, 2022)

De que vale a igualdade de direitos jurídicos e políticos para meia dúzia de privilegiadas, tiradas da própria casta dominante, se a maioria feminina continua vegetando na miséria da escravidão milenar? (MOURA, 1931)

Enredo perverso de toda uma narrativa de formação de uma consciência ocidental, colonialista, que nos mantém localizadas na zona do não ser. Lugar de onde precisamos superar a construção de uma imagem fraturada, fragmentada, deturpada de nós mesmas, em que somos conduzidas, cotidianamente, a nos medir pela régua de um mundo que nos enxerga com desprezo e pena. (DU BOIS, 2021)

Presença negra

Sou negro, corporifico uma fusão plena com o mundo, uma compreensão simpática da terra, uma perda do meu eu no âmago do cosmos [...]. Se sou negro, não é em decorrência de uma maldição, mas sim porque, tendo estirado a minha pele, consegui captar todos os eflúvios cósmicos. Sou realmente uma gota de sol sob a terra... (FANON, 2020, p. 60)

Sempre vi com certo questionamento a imagem da mulher preta forte, como se não tivéssemos sentimentos, não tivéssemos o direito de chorar, de falar, de gritar quando sentimos dor. Seria este mais um elemento de uma cultura branca que tira a nossa humanidade e nos impõe uma existência de um corpo que tudo suporta? À mulher branca foi conferido a feminilidade, a beleza, a pureza, a doçura, o corpo hegemônico. À mulher negra, a diferença bestial, a feiura, o corpo para o trabalho, para a exploração. Dizem que ela tem que ser forte o tempo todo, mas e se ela não for? Nós sabemos que não é bem assim, choramos, sangramos todas as vezes que o racismo e seus caminhos opressivos nos atravessam.

As vezes diante de um ataque racista nos sentimos cansadas sem forças para reagir. É exaustivo, todo o tempo, cotidianamente enfrentando, tendo de ser forte, resistindo, insistindo, existindo.

Hoje em tempos de fundamentalismo religioso, racista e agressivo, como reagir quando clamam a Deus para te expulsar do mundo? Sim, isso é real! O que pensar e como reagir quando os olhares julgam e condenam o fato de ser negra. Existir apenas se torna o motivo de nos empunharem a cruz e rezar em voz alta como se quisessem nos eliminar com um raio divino. Nós, presença negra, mais uma vez desumanizada, considerada sem alma, besta demoníaca, a quintessência do mal (FANON, 2020).

Estranhamento, perplexidade, ausência, asfixia... Senti o peso das correntes se formando em meus pulsos e tornozelos, senti como se uma máscara de ferro tapasse minha boca e decepasse minha língua. Faltou ar para respirar! Sob tortura psicológica, me senti sem vida por alguns instantes. Como minha existência pode ser uma ofensa tão grande a ponto de incomodar tanto para motivar e inflamar o

ódio e a violência em nome de Deus?

Mas esqueceram a constância do meu amor. Eu me defino como tensão inicial absoluta. E assumo esta negritude, cujo mecanismo recomponho com os olhos marejados. Por minhas mãos, estas lianas intuitivas, aquilo que havia sido despedaçado é reconstituído, edificado. [...] Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é negro como a virtude é branca. [...] No entanto, recuso com todo meu ser essa amputação. Sinto em mim uma alma tão vasta quanto o mundo, uma alma realmente profunda como mais profundo dos rios, meu peito tem um poder de expansão infinito. Sou dádiva, mas me aconselham a humildade do inválido... Ontem abri os olhos para o mundo, vi o céu se retorcer de uma ponta a outra. Quis me levantar, mas o silêncio eviscerado fluía de volta para mim, com as asas paralisadas. Irresponsável, cavalgando o espaço entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar. (FANON, 2020, p. 154)

O espírito escravocrata permanece nas hierarquias, categorias, privilégios da sociedade. Porém, ainda que cansadas, feridas, não significa que vamos nos curvar.

Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis, mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da Pátria
Senhores,
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

(Carlos Assumpção, 1982)

O que determina a nossa imagem como acontecimento e a nossa presença dentro da percepção natural nos espaços que ocupamos, é como somos lidas por aqueles nos quais nos relacionamos. Nestes contextos somos imagem que exerce interação com outras imagens em cenários e influências reais, mas somos matéria, corpo existente no mundo, destinado a mover, receber e devolver o movimento. A sermos o centro da ação e dessa forma fazer nascer a representação.

A existência negra feminina tecendo a realidade a partir das suas próprias experiências. Não há quem passe pela existência sem ser observado pelo outros e esta realidade pressupõe interação, coletividade e resistência a dominação. O seu ethos nesta relação é que define quem você é, o seu mundo e a imagem de si mesma.

Maria Lugones (2017) ao tratar destas questões, analisa a perspectiva da mulher negra diante da inferiorização imposta pela ideia colonialista de pureza e supremacia racial. E ressalta como a racialização, e outras formas de categorizações, impõe a fragmentação e a desqualificação de todas as formas de representação e visão de mundo que possa nos evidenciar como somos.

Na encruzilhada dos caminhos das lutas das mulheres racializadas, esta estratégia do poder, ao nos fragmentar, enfraquece a tecitura da nossa história pela invisibilização e o apagamento. Dessa forma, ela afirma:

As mulheres negras são apagadas e lutam contra o apagamento. As mulheres negras lutam para que suas concepções de relações sociais, suas possibilidades pessoais, seu senso particular de história, seu modo de raciocínio, seus valores e estilos expressivos sejam compreendidos, não reduzido a outros, nem como exteriores ao seu significado de ser negra e ser mulher. Negra e mulher deve ser então concebido como um plural, múltiplo, sem fragmentações. (LUGONES, 2003, p. 217)

A cosmopercepção de si da mulher negra vem sendo carregada de estigmas e determinações sociais e políticas ditadas pela dominação de uma sociedade ainda carregada de signos colonialistas ocidentais. Nos quais colocam a mulher negra confinada nos espaços de submissão e subalternização. A matriz de dominação de uma sociedade se encontra classificada por intersecções e esses domínios correspondem ao econômico, político e ideológico. (LUGONES, 2013)

Maria Lugones (2013) ao tratar das opressões que se entrecruzam nos caminhos das mulheres negras, ela expõe seus eixos, seus pontos de intersecção. São estes os lugares onde os caminhos se cruzam, de modo que não se poderia pensar sobre as opressões experienciadas pelas mulheres negras nos mesmos termos que outras mulheres, tais como nas pautas do feminismo ocidental. Porém é possível encontrar semelhanças com o genocídio das mulheres medievais subjugada como “bruxas”, sob o feudalismo.

Como descendentes ainda carregamos o trauma ancestral do corpo escravizado, que muitas vezes se auto escraviza no embranquecimento e na invisibilização. Como afirma Fanon (2020), o negro é, no pleno sentido da palavra, uma vítima da civilização branca, por uma imposição cultural carregada de signos hierárquicos, opressivos, violentos.

Nós nunca somos atravessadas por uma única forma de opressão. Neste sistema, os estigmas que o corpo feminino negro carrega se intercala em caminhos num tecido perverso de categorias sub-humanas, ou seja, preta, pobre, feiteira, sensual, feia, incapaz, ignorante, vitimista, primitiva, corpo para a exploração. Lélia Gonzalez ao tratar das opressões sofridas pela mulher negra na sociedade brasileira ressalta:

Quanto a mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto a possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. (GONZALEZ, 2020, p. 58)

O caminho da intersecção entre raça e gênero fazem parte da mesma dominação que passa por outros caminhos no mesmo sistema de opressão e estigmatização do corpo negro feminino. Que fragmenta, dilui e enfraquece a sua luta por espaço na sociedade, e desgasta e desqualifica a sua imagem como forma de representação.

A política de marginalização dentro de grupos oprimidos faz parte da política de opressão, e a desconexão das opressões faz parte dessa política. É do interesse de muitos evitar o reconhecimento do entrelaçamento das opressões, mas não é do interesse de ninguém tanto quanto no interesse do cidadão puro e racional, do cidadão com plenos direitos. Por essa razão vejo uma fertilização cruzada entre a lógica da pureza, usada para excluir membros de grupos oprimidos da esfera cívica pública, e a separação e desconexão das opressões. O esforço de

libertação que torna essas opressões claras necessariamente envolve uma disputa, porque o entrelaçamento é constantemente bloqueado dentro de grupos oprimidos através da marginalização de seus membros opacos. (LUGONES, 2003, p. 217)

Nestes atravessamentos de categorias de essência racializada, colonialista, patriarcal, nos posicionam nos caminhos de opressões entre o econômico e o ideológico; ou o político e o social no tecido que marca, que imprimem na nossa carne a diferença, a interiorização imposta a descendência dos africanos escravizados. Precisamos compreender a construção deste estereótipo da mulher negra em torno da sua subalternização, hiper sexualização e invisibilização. Porém, o mais importante será evidenciar a sua forma de resistir a essa matriz de dominação (LUGONES, 2003).

A presença de mulheres negras em espaços ocidentalizados ainda carrega suas nuances da diferença e dos estigmas coloniais de domínio racial, econômico, político e ideológico, como afirma Lugones (2003). Apesar de ser uma realidade pautada pela resistência e pelo enfrentamento, as mulheres negras estão cada vez mais presentes em lugares que outrora nos foi negado as nossas ancestrais.

Os estigmas coloniais da diferença é algo que ainda imprimem na nossa pele a imagem da mucama, da mulata, da serviçal. A presença da mulher negra em lugares de privilégio, por exemplo, ainda não é percebida com naturalidade, porque sempre haverá a expectativa de que estamos nestes espaços para servir. É fundamental naturalizar a nossa presença para além destes estigmas, e de ideias pré-concebidas, de caráter colonialistas, que nos colocam em lugares de inferioridade.

Ontologicamente ser mulher negra é receber como herança de uma estrutura racializada, as marcas e cicatrizes que nos reduzem em potência, ou seja, biologicamente determinada como inferior, incompleta, incapaz, além do atravessamento do gênero que nos determinada socialmente como submissa aos anseios de uma estrutura patriarcal.

A ruptura com estas determinações é urgente! Para que possamos viver a nossa emancipação e não mais em um contexto impotente sem a vibração da vida em si. De acordo com Fanon (2020) precisamos aferrar o coração do mundo com uma farpa, forçar o ritmo, deslocar o sistema de controle e encarar o mundo frente. Pressioná-lo a entender a nossa cosmopercepção, a importância da nossa existência negra para esse mundo. Neste processo Beatriz Nascimento levanta uma importante questão e afirma:

Não será possível que tenhamos características próprias, não só em termos “culturais”, sociais, mas em termos humanos? Individuais? Creio que sim. Eu sou preta, penso e sinto assim. (NASCIMENTO, 2021, p. 40)

O que pressupõe a existência de todo ser humano é a capacidade de afirmar sua essência como acontecimento no mundo. Sim, eu existo! Mas para além de afirmações filosóficas modernas como a cartesiana, a existência e sua afirmação também pressupõem integridade, presença, dignidade, reconhecimento e pertencimento. Algo que é roubado de nós quando temos que embranquecer nossos modos pelo pertencimento social chamado invisibilização. Hoje é possível compreender o porquê, todas estas regras impostas sempre foram motivos de estranhamento, era o imperativo da alienação de si mesma para pertencer, ou seja,

a afirmação do outro.

Todo este questionamento, dúvidas, estranhamentos e uma certa ausência de si mesma, passa pelo mundo em que se vive, pela sua construção social e aquilo que por ele foi estabelecido como a norma, o normal.

Ao observar as características deste normal, é possível entender como nós até nos esforçávamos para nos adaptar, mas ao encarar o espelho não era possível enxergar a si mesma. Era como se a nossa própria imagem nos olhasse de volta com uma certa perplexidade, e nos devolvesse a pergunta “quem é você?”

Não conseguíamos, nem sabíamos a resposta, na verdade acho que queríamos apenas estar ali, performar sem pertencer, parecer com os outros deste mundo normal e ter a sorte de considerada um deles, desaparecer na multidão daquele contexto da normalidade para não amargar a diferença que nos coloca no lugar inferior.

Para isso, tivemos que aprender seus códigos, performar sua fala, nos aprisionar em modos contidos e tentar esteticamente ficar, em nossas formas, cores e texturas, o mais próximo da norma que nos era possível. Nunca foi fácil, não era nada espontâneo, não era natural, não era eu, não somos nós.

Era o que esse mundo esperava que fôssemos; submissas, invisibilizadas, silenciadas. Nada de novo sob o sol, só aquela velha “boa aparência” de habitar na zona do não ser.

O negro não deve mais se ver colocado diante deste dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir; dito de outra maneira, se a sociedade lhe cria dificuldades em razão da sua cor, se constato em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter a distância”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez elucidados os motivos, colocá-lo em condições de escolher a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual – isto é, diante das estruturas sociais. (FANON, 2020, p. 114)

É inevitável, na encruzilhada dos vários caminhos e espaços que frequentamos, que ocupamos, experienciar, ainda que seja de forma sutil – olhares, perplexidade, expectativas e julgamentos – o que representa a presença negra até hoje nesta sociedade.

Embora esta seja a nossa realidade, precisamos transcender a estes estigmas e reforçar a nossa existência em unidade, singularidade, coletividade e potência. Sermos nós por nós mesmas, tendo a coragem de nos posicionar e evidenciar nosso valor neste mundo onde a presença negra não importa. Por muito tempo fomos faladas, posicionadas, interpretadas e tendo nossas experiências validadas de alguma forma.

É preciso nos ouvir, para que possamos mostrar o que nós, mulheres negras, temos a dizer da nossa vivência nos espaços que ocupamos e o que isso representa para nossas vidas, a singularidade, individualidade e potência coletiva. O que essa representatividade pode impactar na vida daquelas que virão depois de nós.

Pessoalmente, toda vez que eu me encarava no espelho, quando performava a norma, sentia meu espírito, minha essência presa, asfixiada dentro de mim. Na realidade toda essa imposição estética e cultural e todo esse meu esforço, renúncia e submissão nunca me colocaram de fato numa condição de igualdade.

Em verdade, para esta estrutura de poder, eu era uma produção de menor importância, pintada de outra cor. O verniz da normalidade não me encobria

completamente, toda minha composição e natureza expansiva esgarçava a roupagem da personalidade contida, embranquecida. Mas era eu, apagada, sempre foi eu querendo acontecer neste mundo. Sua estrutura me escondia e sempre me mantinha em lugares baixos sem evidência, transitando pelos corredores e elevadores de serviço. Primeiro, porque meu trabalho sustenta essa estrutura desde meus ancestrais e segundo eu carregava comigo, no meu corpo o que esse sistema compreende como um estigma social da diferença, quer dizer, eu tenho a marca ancestral do corpo escravizado, a marca ancestral da fêmea mucama.

Então nos coube enfrentar o olhar branco. Um peso fora do comum passou a nos oprimir. O mundo real disputava o nosso espaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. [...] Eu era a um só tempo responsável pelo meu corpo, pela minha raça e pelos meus ancestrais. Eu me percorri com um olhar objetivo, descobri minha negrura, meus traços étnicos – e então me arrebetaram o tímpano com a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros [...] Mas eu recusava a tetanização afetiva. Queria ser humano, nada além de humano. (FANON, 2020, p. 128)

Presença como acontecimento no mundo

Eu saudava o mundo com um aceno e o mundo me amputava o entusiasmo. Estavam pedindo que eu me confinasse, que eu me encolhesse. Eles iam ver só! Mas eu já os havia advertido... Escravidão? Não se falava mais disso, era uma lembrança ruim. Minha suposta inferioridade? Um gracejo, do qual era melhor rir. Esqueci isso tudo, mas com uma condição de que o mundo não se esquivasse mais de mim. Eu tinha que testar meus incisivos. Embora fosse eu que tivesse todos os motivos para odiar, para detestar, eles me rejeitavam? [...] Já que o outro hesitava em me reconhecer, só restava uma solução: fazer com que me conhecessem. (FANON, 2020, p. 130)

O que se compreende da presença negra feminina, se dá a partir da sua representação nos lugares onde ela acontece, os espaços de acolhimento, de afeto, de resistência e de sustento moral de sua coletividade.

De acordo com o pensamento de Lélia Gonzalez (2020) a presença desta mulher negra anônima se constitui como o sustentáculo econômico, afetivo, social, moral de sua família, ela é quem, ao nosso ver, desempenha o papel mais importante. Exatamente porque com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência nos transmite a nós, suas irmãs, o ímpeto de não nos recusarmos a luta pelo nosso povo.

Esta é a imagem da existência negra feminina que nos representa e nos fortalece. É a partir desta essência que no tecido das nossas experiências que somos motivadas avançar e seguir o caminho aberto por elas na luta contra o racismo e a subalternização do nosso corpo negro feminino.

Poder compreender a nossa própria existência negra feminina e nossa presença nos espaços que frequentamos, no mundo; descobrir a nossa própria voz é voltar o espelho para o reflexo de si e entender que precisamos encontrar o nosso “eu sou”, para ser quem a nossa comunidade precisa. O ethos do ser uma presença negra feminina é pensar o sensível, um fenômeno fundamentado a visão de mundo construído no nosso lugar, no nosso próprio chão, na nossa memória que em

Tempo⁵, nos organiza de dentro para fora.

Temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. O ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro. E esse futuro não é o do cosmos, mas sim o do meu século, do meu país, da minha existência. [...] Pertencço irredutivelmente à minha época. E é para ela que devo viver. (FANON, 2020, p. 27)

A relação com a imagem, a confluência com a imaginação e os próprios afetos daqueles que nos encontrarão neste caminho, convoca formas de interação da vida, do existir, a partir da experiência, da empatia e da identificação. Ver, sentir, perceber, se identificar fragiliza o pensamento dogmático colonialista ocidental.

No sólo nos creamos a nosotras mismas y entre nosotras mediante el cuajado, sino que nos anunciamos unas a otras através de este arte, de nuestra expresión cuajada. Por ende, el comportamiento cuajado no sólo es creativo sino que se constituye a sí mismo como un comentario social. Todo comportamiento, pensamiento y expresión cuajados contienen y expresan este segundo nível de significado, el del comentario social. Cuando el cuajado se vuelve un arte de resistencia, se resalta la presentación cuajada. Existe la distancia del meta-comentario, de la autorreflexión, de verse a una misma en el espejo de alguien más y de vuelta en el propio, de la experimentación autoconsciente. (LUGONES, 2003, p. 224)

A poética contida nas falas, nas experiências, nos significados da vida de cada mulher negra no mundo representada, o encontro com afetos que nos transporta para o sensível, para a sensibilidade da aproximação. Para Fanon (2020) falar é existir absolutamente para o outro e esta percepção é algo de uma potência extraordinária.

O acontecimento, a presença, o encontro, quando um ser sensível se aproxima de outro ser sensível na mesma história. A complexidade da realidade e da significação contida na contemplação é, como Beatriz Nascimento (2009) nos mostra, um espelho, um rosto, um outro rosto. Quantas faces de si em si mesma?! Esta aproximação acolhe o sujeito que recebe e interage com a imagem na dinâmica entre percepção, valores e significações.

Cada história será o Tempo que convida a intuição a uma unidade inseparável entre memória, sentidos; entre passado e presente tecendo momentos múltiplos de duração. Tendo a imagem de cada uma delas, como cada uma de nós, todos nós na imanência do plano real, é o signo da existência, é o corpo, é o sujeito, é a presença. A significação dessa relação coloca a alma em movimento na esfera da vida, na gira, na roda da saia que gira.

Acolher, recolher, associar e criar. A dialética da imagem e da consciência no reconhecimento e na representação. A aproximação poética da interação com a imagem a partir da sensação de presença e do processo de significação, dignidade e pertencimento. A beleza dessa dinâmica é a existência em sua coletividade, como diz Beatriz Nascimento (2006) “espelho vivo, em mar sereno, penso em mim”. A poética da existência onde o estado da arte encontra o valor humano em sua

⁵ Iroko, orixá que representa o Tempo, o início e o ritmo da nossa existência, também representa a primeira árvore plantada na terra, aquela que liga o Orum ao Ayê, ou seja, o plano dos orixás ao mundo humano. Tempo é a própria substância da nossa existência e cumprimos nosso destino no mundo até a finitude da vida humana.

essência.

Sobre classificações

[...] começo a sofrer por não ser um branco na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, extorpe de mim todo valor, toda a originalidade, diz que eu parasito o mundo, que preciso o quanto antes acertar o passo com o mundo branco, que somos bestas brutas [...] (FANON, 2020, p. 112)

No domínio das palavras que nos definem, podemos observar em seus signos como somos classificados. E em alguns casos, como em um dos citados abaixo, vemos o valor normativo de uma cultura na qual decreta unilateralmente uma existência hierarquizada, onde o valor e a virtude estão pautados em definições egocentristas e sociocentristas, como ressalta Frantz Fanon (2020). Abaixo as palavras, construções nas quais evidencia os atravessamentos do que significa, de uma forma sucinta e objetiva, o que é para nós sermos mulheres negras.

Negro:

Negro é uma palavra usada no mundo lusófono para se referir a uma pessoa de ascendência negra, seja de origem africana ou não. A palavra negro tem origem no latim *niger* que significa preto, escuro, sombrio, funesto, entre outros adjetivos de caráter semelhante.

Substantivo masculino – Cor escura que se assemelha à cor do carvão: o negro do asfalto. Indivíduo com a pele escura pelo excesso de pigmentação (melanina). Aquele que vive sujeito a um senhor; escravo. Pessoa que trabalha muito: Há um ano trabalha feito um negro.

Adjetivo – Falta completa de cor por não ser capaz de refletir a luz; preto. Cujas cores são escuras: quadros negros; manchas negras. Que expressa uma cor cinzenta e escura; escuro; noite negra. Física: que absorve todos os tipos de radiações. Pejorativo: que anuncia adversidades ou infortúnios; funesto. Exemplo: destino negro. Ótica: diz-se do que recebe luz, mas é incapaz de a refletir.

Negra:

Substantivo feminino – Cor escura; preto. Pessoa de pele escura; aquela que tem a pele negra. Diz-se de ou escrava de pele escura. Mulher que, no período de escravidão no Brasil, vivia em sujeição a um senhor; escrava. Mulher que trabalha muito.

Adjetivo – Ausência de cor causada pela incapacidade de refletir a luz; preto. Cujas cores são escuras: paredes negras; cadeiras negras. Que está associado a uma cor cinzenta; escuro. Exemplo: noite negra. Figurado: que apresenta uma carga de melancolia, de tristeza; triste. Que traz consigo adversidades ou infortúnios; funesto.

Melanina:

Substantivo feminino – Pigmento proteico responsável pela pigmentação escura que, encontrado na pele, nos cabelos, pelos e nos olhos dos mamíferos.

Aspecto cultural – Culturalmente os gregos chamavam a todos os etíopes de "caras queimadas" ("ethios", e a palavra para face era "ops"), relacionando a pele dos africanos ao carvão. Os gregos e os romanos se referiam a todas as terras ao sul do Egito como a Etiópia, como a "terra dos caras queimadas". Logo após, com as invasões europeias aos povos de pele não-branca, normalmente estes povos viam a melanina como uma espécie de "sujeira" biológica [...].

Essa é uma atitude do homem diante do Ser. Um homem que possui a linguagem, possui, por conseguinte, o mundo expresso por esta linguagem e implicado por ela. [...] todo o povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. (FANON, 2020, p. 32)

Como estas poucas palavras nos dizem sobre o que é ser negra! Nossa imagem está relacionada a diversas características negativas, que certamente nos foram dadas como estigma do descendente dos corpos escravizados. Valores normativos da nossa língua expressa na inferiorização dos nossos corpos. Como nos enxergar nitidamente onde o nosso corpo negro feminino é objeto de categorizações equivocadas, onde as únicas possibilidades para este corpo preto são os lugares mais baixos desta estrutura? Lugar onde, desde muito cedo, temos a percepção de nós mesmas diante de um mundo onde o rosto deste lugar não se parece com o nosso. (BALDWIN, 2016)

No contexto histórico da colonização, "Negro", de início, substantivo, nome que se dava ao produto resultante do processo pelo qual as pessoas de origem africana eram transformadas em mineral vivo, como forma de dominação. Posteriormente, este substantivo foi transformado em conceito, no qual "negro" torna-se o idioma pelo qual as pessoas de origem e descendência africana se anunciam ao mundo, se mostram ao mundo e se afirmam como mundo, recorrendo a sua força e o seu próprio gênio, uma herança que resiste até os dias atuais. (MBEMBE, 2014)

Para o negro, reconhecer o que o define como sujeito na sociedade e como esta subjetividade foi construída ao longo de todo um contexto histórico, é fundamental, pois neste reconhecimento de suas origens, toda a historicidade, modos de vida e visão de mundo que o constituíram irão definir a sua identidade, estabelecer o seu domínio e consciência de si e sua essência e existência no mundo. A jornada individual e coletiva, de mulheres e homens negros, pela busca da sua identidade é, por si só, um ato de coragem e resistência que pressupõe de imediato a rejeição ao reflexo de si que não condiz com a realidade daquilo que o representa, mas de uma ideia de submissão a imagem e semelhança da dominação de uma cultura hegemônica, que ainda abraça uma retórica racializada de caráter eurocêntrico, onde o negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido. E produzir o negro é produzir um vínculo social de submissão e um corpo de exploração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor, reduzido ao silêncio e impedido de se exprimir em primeira pessoa do

singular. (MBEMBE, 2014)

Viver em uma sociedade que nos identifica no lugar de subalternidade, condição esta que não contempla ou compreende a sua história antes da exploração da África, de um reconhecimento estranhado, alienado, transforma o negro em um fantasma de si mesmo. Uma sociedade que não confere pertencimento e onde se encontram representações racializadas, tensionadas que coloca os negros no lugar das contradições, contingências e exotizações. Sem falar na erotização e fetichização, ainda existente, do corpo negro feminino. Tudo isso amarrado a ideologia de uma suposta igualdade racial, na qual, claramente, confere suporte a uma forma de racismo que se manifesta de maneira velada, marcado pela indiferença, fato que justifica as ações de privilegiados dessa estrutura, na maioria dos casos, a elite branca, de classe burguesa capitalista.

Nesse sentido surge entre os negros, neste contexto social, o complexo de inferioridade do colonizado, devido ao sepultamento de sua originalidade cultural, como parte do processo de dominação colonial, desconsiderando que o negro possui cultura, civilização, conhecimento e um longo passado histórico. Considerando este processo histórico de dominação e desconstrução da identidade do povo negro, o fato é que nos tornaram invisíveis e silenciados. O silêncio da máscara do embranquecimento dos nossos corpos, que insistem colocar em nosso rosto, o silêncio da naturalização da morte de uma cultura, o silêncio institucionalizado e estrutural, o silêncio de estar nos lugares – referência ao Brasil que é um país de maioria negra – e não nos enxergar nestes espaços, o silêncio construído de uma voz única, que acha que possui autoridade para falar por nós, sobre nós, sobre nosso corpo, nosso pensamento, nossa cultura, nossa história. Uma voz dominante que impede que uma pluralidade de vozes possa falar sobre si mesmas. É preciso entender que ter o direito a voz pressupõe a nossa humanidade, o “eu” existência no mundo, o centro da ação que faz nascer a representação por si. Neste caminho, falta representatividade, falta o resgate da nossa ancestralidade, o olhar para o passado que irá nos situar no mundo da nossa cultura, da nossa identidade, da nossa imagem, da nossa representação enquanto sujeito da nossa história.

Somos a descendência de uma civilização cujo berço meridional compreende o continente africano, em particular, caracteriza-se pela família matriarcal, representado pela emancipação da mulher na vida doméstica, pela xenofilia, pelo cosmopolismo. Descendência de uma espécie de coletivismo social, tendo como consequência a quietude, chegando até a despreocupação em relação ao futuro. Herdeiros de uma solidariedade material de direito para cada indivíduo, o que faz com que a miséria material ou moral seja desconhecida. No domínio moral, regidos por um ideal de paz, de justiça, de bondade e de um otimismo que elimina qualquer noção de culpa ou de pecado original, oriundo de construções subjetivas pertencentes as criações ocidentais religiosas ou metafísicas. Uma ancestralidade onde o conhecimento era transmitido pela tradição da oralidade, em que o gênero literário predileto era a narrativa, ou seja, o conto, o romance, a fábula, comédia. (DIOP, 2014)

A cultura de epistemologia afrodescendente é coletiva, oposta a uma sociedade contemporânea que é individualista e capitalista; cultura onde a mulher exerce um papel fundamental de liderança, oposta a uma sociedade que coloca a mulher, sobretudo a mulher negra, herdeira deste matriarcado, em posição de submissão e subalternidade. E é essa herança, o lugar que se pretende resgatar

com esta pesquisa, o protagonismo, o lugar de fala, a identidade, a representatividade e toda a potência de existir da mulher negra, com tudo e a compõe como sujeito histórico, social e político.

Ângela Davis (2017) ressalta que, quando uma mulher negra se movimenta, toda uma estrutura social se movimenta com ela. Não perdemos essa essência, ela se encontra dentro de nós, compreendido como o verdadeiro sentimento de continuidade histórica.

Considerações finais

Pode me atirar palavras afiadas,
 Dilacerar-me com seu olhar,
 Você pode me matar em nome do ódio,
 Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.
 Da favela, da humilhação imposta pela cor
 Eu me levanto
 De um passado enraizado na dor
 Eu me levanto
 Sou um oceano negro, profundo na fé,
 Crescendo e expandindo-se como a maré.
 Deixando para trás noites de terror e atrocidade
 Eu me levanto
 Em direção a um novo dia de intensa claridade
 Eu me levanto
 Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
 Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
 E assim, eu me levanto
 Eu me levanto
 (Maya Angelou, 1978)⁶

Estamos no tempo de unir e levantar nossas vozes, nosso domínio sobre a nossa própria existência e reconstituir a nossa história apagada, resgatar nossa epistemologia e nossa cultura, que foram confinadas nas “senzalas” do conhecimento sem importância pelo mundo colonialista e mantida pela razão ocidental. Precisamos compreender aquilo que nos encobre, que nos oprime, nos julga e condena. Para, enfim, evidenciar a forma de ser negra feminina, materializada nos afetos, no acolhimento e na coragem expressa na luta com e pelos seus.

Somos presença, somos reais, sujeitos materiais da nossa história singular e coletiva. Embora ainda vivendo sob o jugo dos estigmas coloniais, nossa gira se faz em torno de uma representação negra feminina produzida, pensada, vivida fora dos discursos hegemônicos, nos quais emoldura a nossa imagem dentro de uma correspondência simplista da exotização dos nossos corpos, que não nos pertence.

A nossa realidade histórica material, matriarcal, nos posiciona como protagonistas, visto que muitos dos relatos históricos sobre mulheres negras que enfrentaram o silenciamento, a exclusão e todo tipo de violência da escravidão, as posicionam como verdadeiras heroínas. Ainda que a literatura ocidental não faça jus a essa realidade.

Vemos até hoje mulheres negras na luta contra o racismo, contra a

⁶ Trecho do poema *And Still I Rise* – Ainda assim eu me levanto – da escritora e poeta norte-americana, Maya Angelou, publicado em 1978.

humilhação, pela vida em todos os lugares, nas ruas, nas favelas, nos terreiros. Esta essência negra é nossa herança ancestral, e nela está contida todo nosso potencial de liberdade.

Sempre revisito o saber ancestral dentro de mim, e a imagem que tenho em minha memória é da força, das cores, do acolhimento, das águas, do afeto, do perfume das minhas iyás, das minhas iyabás. Essa poesia coloca todas as minhas certezas no lugar. E me faz entender a importância de se respeitar o nosso chão, a nossa terra, pois como diz Beatriz Nascimento (2009), a terra é o meu quilombo, o meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou, quando estou eu sou. E respeitar nosso caminho e a força ancestral que nos trouxe até aqui.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

ASSUMPÇÃO, Carlos. *Não pararei de gritar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: CRENSHAW, Kimberlé; GOTANDA, Neil; PELLER, Gary; THOMAS, Kendall (ed.). *Critical Race Theory* edited by Kimberlé Crenshaw, Neil Gotanda, Gary Peller and Kendall Thomas. New York: The New Press, 1995.

DIOP, Cheikh A. *A unidade cultural da África Negra: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica*. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

DU BOIS, W. E. B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, 2021.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2003.

FANON, Frantz. *Racismo e Cultura*. Brasil: Terra sem Amos, 2021

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1968.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...* Rio de Janeiro: Editora Filhos da África, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

HOOKS, bell. *Olhares Negros: Raça e Representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

I AM NOT YOUR NEGRO. James Baldwin. Direção: Raoul Peck. Produção: Remi Grellety, Raoul Peck, Hebert Peck. Paris: Velvet Film, 2016, (93min.).

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaio e Conferência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGONES, María. Colonialidade de gênero. *Tabula Rasa*. Bogotá. n. 9, p. 73-101,

jul./dez., 2008.

LUGONES, María. *Pilgrimages/Peregrinajes: Theorizing Coalitions Against Multiple Oppressions*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003.

LUGONES, María. Purity, Impurity, and Separation. *Signs*, v. 19, n. 2, p. 458-479, 1997.

LUGONES, María. Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidade y opresiones múltiples. *Pensando los Feminismos en Bolivia*. maio, 2013.

LUGONES, María. Multiculturalismo radical y feminismo de lãs mujeres de color. Traducción de Joaquín Rodríguez Feo. *Revista Internacional de Filosofía Política*, Madrid, n. 25. 2005.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MOURA, Maria Lacerda de. *Civilização, tronco de escravos*. São Paulo: Editora Entremares. 2020.

NEGRA. In: *DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/negra/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NEGRA. In: *Dicionário Priberam Online de Português Contemporâneo*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/negra>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NEGRA. In: *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/negra/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NEGRO. In: *DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/negro/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NEGRO. In: *Dicionário Priberam Online de Português Contemporâneo*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/negro>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NEGRO. In: *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/negro/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MELANINA. In: *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Melanina>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Roteiro de Beatriz Nascimento. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <https://tamandua.tv.br/default.aspx>. Acesso em: 05 out. 2020.

OYÈWUMI, Oyèronké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RATTS, A. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RATTS, A. (Org.). *Uma história feita por mãos negras. Beatriz Nascimento*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

RATTS, A.; GOMES, Bethania (Org.). *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Editora Literatura Negra. 2015.

SANTOS, Neusa de Souza. *Tornar-se negro: Vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SHAKUR, Assata. *Assata: Uma autobiografia*. 1. ed. Tradução: Carla Branco. Rio de Janeiro: Pallas. 2022.

WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. 1. ed. Tradução: Rogério W. Galindo e Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: Todavia. 2021.

Recebido em: 12/2022
Aprovado em: 12/2022